

Impactos dos produtos chineses na indústria brasileira: estudo de fatores conjunturais e estruturais que contribuem para o nosso desempenho industrial entre 2000 e 2014

Resumo

O forte crescimento industrial chinês das últimas décadas acabou estreitando as relações comerciais entre Brasil e China, devido, sobretudo à grande sede chinesa pelas commodities brasileiras. Enquanto a indústria chinesa se fortalecia, a brasileira perdia cada vez mais força, e, muitos apontam a China como principal culpado por nosso fracasso industrial. Este artigo analisará não só os impactos dos produtos chineses em nossa indústria, mas também outros fatos estruturais que podem ser responsáveis por nosso mau desempenho neste setor.

Palavras-chave: Relação comercial Brasil- China; Impactos dos produtos chineses; Política Industrial

Abstract

The strong growth of the Chinese industry in the last decades caused a strengthening of trade relations between Brazil and China, mainly because of the great Chinese thirsty for Brazilian commodities. While the Chinese industry was getting stronger, the Brazilian one was getting weaker, and, a lot of people blame China for our industrial failure. This article will analyze not only the impact of the Chinese products in our industry, but also other structural facts that may be responsible for our poor performance in this sector.

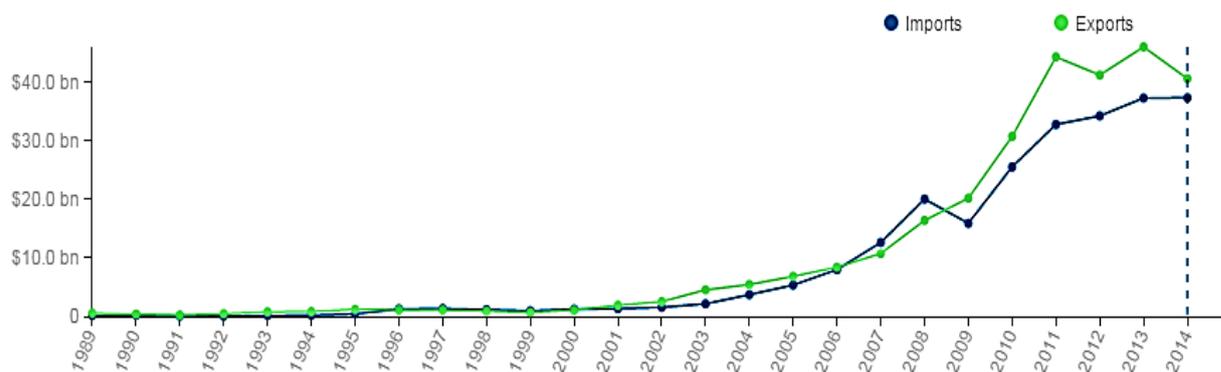
Key-words: Trade relation Brazil-China; Impacts of Chinese products; Industrial Policy

Introdução

Nos anos 90 dificilmente alguém poderia imaginar que, em 20 anos, um longínquo país asiático se tornaria o maior parceiro comercial do Brasil. A figura 1 demonstra o quão irrisórias eram as trocas comerciais com a China antes de 2001¹. Por outro lado, os dados atuais revelam que a distância não foi suficiente para impedir que o selo “Made in China” tomasse conta do Brasil.

Figura 1:

¹ Ano em que a China conseguiu entrar para a Organização Mundial do Comércio.



Brazil trade in goods with China since 1989

International Trade in Goods based on UN Comtrade data

Developed by the Department for Business Innovation and Skills (UK)

<http://comtrade.un.org/labs/BIS-trade-in-goods/?reporter=76&partner=156&year=2014&flow=2>

As trocas comerciais entre Brasil e China aumentaram de forma marcante na última década: entre 2001 e 2014, pulou de US\$ 3,2 bilhões para US\$ 77,9 bilhões. Esse estreitamento comercial se deveu, principalmente, em razão do grande crescimento industrial chinês, o qual demandava cada vez mais commodities e buscava cada vez mais mercados para seus produtos manufaturados. Esta expansão e diversificação do parque industrial chinês é motivo de inquietação para vários países ao redor do mundo.

No Brasil não é diferente, e os produtos chineses são diversas vezes, apontados como perigosos concorrentes dos manufaturados brasileiros no mercado doméstico e internacional, devido à dificuldade de competir com seus preços, geralmente, mais baratos. Além do mais, a pauta de exportações brasileiras para a China é composta, majoritariamente por produtos primários, enquanto a pauta de importações contém, majoritariamente, produtos de valor agregado.

Este artigo busca analisar os impactos das relações comerciais do Brasil com a China, realizando uma pesquisa qualitativa, mesclando recursos gráficos e dados, com delimitação de tempo entre 2000 e 2014. Primeiramente, faz-se um estudo de alguns dados quantitativos das exportações e importações brasileiras, observando-se como a entrada de produtos chineses no Brasil afeta a nossa exportação, notando-se que a principal categoria de produtos importados da China (equipamento eletrônico), é realmente uma das categorias em que o Brasil piorou muito seu desempenho nos últimos tempos, visto que o valor da exportação arrecadado deste tipo de produto diminuiu substancialmente. Posteriormente é feita uma análise da infraestrutura industrial brasileira, concluindo-se que o impacto chinês em nossa indústria é realmente muito significativo, porém os nossos problemas estruturais são, provavelmente, mais relevantes que o impacto do dragão asiático.

Parceria estratégica Brasil-China?

Uma das principais características da política externa do governo Lula, foi a busca do fortalecimento das relações com países emergentes e em desenvolvimento². Neste contexto de cooperação Sul-Sul, as relações entre o Brasil e a China se destacam em diversos setores, sobretudo na área comercial, a qual foi revigorada principalmente pela forte demanda chinesa por nossas commodities.

O elevado crescimento da economia chinesa foi impulsionado pela entrada do país na OMC, em 2001, através de uma forte inserção no mercado internacional. Tanto as importações, como as exportações daquele país cresceram vertiginosamente e tiveram impactos relevantes no cenário mundial. Desde 2009, a China é o maior parceiro comercial individual do Brasil no mundo³.

O aumento destas relações com os países do Sul pode ter sido motivo de euforia para alguns, que imaginavam que, abandonando as relações subjugadas com os países do Norte, o Brasil finalmente abriria seu caminho para o desenvolvimento. No entanto, os dados que serão apresentados abaixo demonstram que o fato de que estamos comercializando mais com países em desenvolvimento, não significa que nossas exportações estão se tornando mais aprimoradas, muito pelo contrário.

Enquanto as trocas comerciais chinesas com o mundo se tornavam cada vez mais sofisticadas, no Brasil as commodities foram as grandes responsáveis pelo crescimento da receita proveniente das exportações. Entre 2000 e 2011, a receita de petróleo, por exemplo, aumentou, nada mais e nada menos que, 13.572%. A receita de açúcar bruto aumentou 1.417%, a de minério de ferro 1.271%, a carne de frango 776%, o açúcar refinado 674%, a carne bovina 729% e a soja 646%⁴. Foi através da venda desses produtos que a balança comercial brasileira tem se mantido superavitária, e dessas commodities, uma quantidade significativa se direciona ao dragão asiático.

As figuras abaixo mostram as direções das exportações e origem das importações

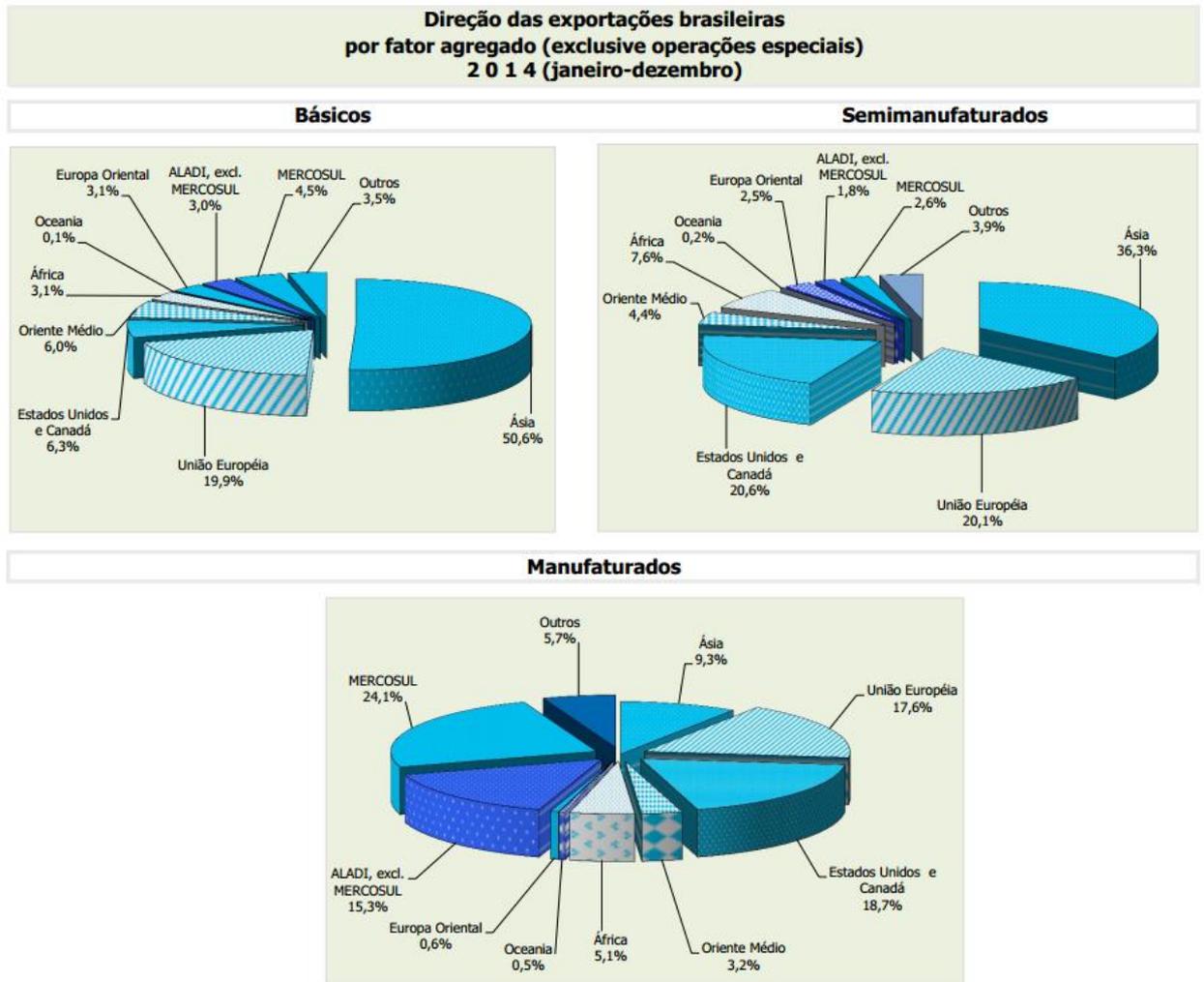
² CEPALUNI, G. ,VIGEVANI, T., **A Política Externa de Lula da Silva: A Estratégia da Autonomia pela Diversificação.**Contexto Internacional. Rio de Janeiro, 2007, p. 273-335.

³ MOORE, Malcolm. **China overtakes the US as Brazil's largest trading partner**, The Telegraph, Shanghai, 2009. Disponível em < <http://www.telegraph.co.uk/finance/economics/5296515/China-overtakes-the-US-as-Brazils-largest-trading-partner.html>> Acesso em out. 2015

⁴ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO COMÉRCIO EXTERIOR. Radiografia do comércio exterior brasileiro: passado, presente e futuro. Rio de Janeiro, janeiro, 2012. Pág. 7.

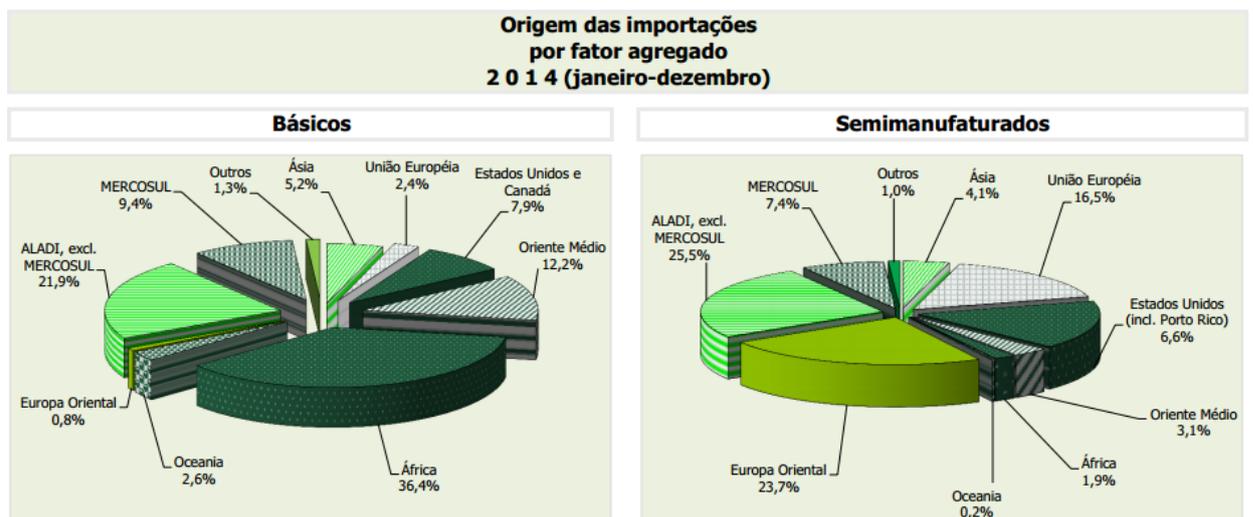
brasileiras, de acordo com o fator agregado:

Figura 2:

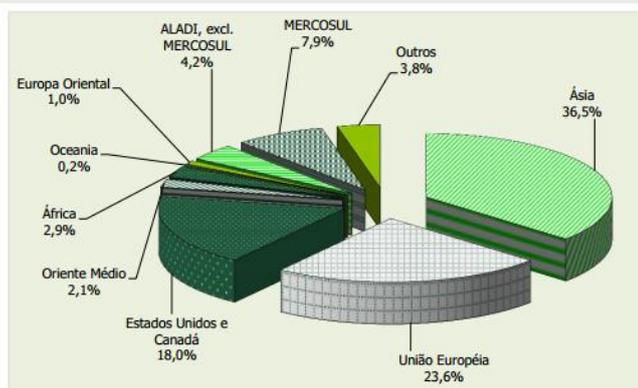


Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados do MDIC/SECEX/Balança Comercial Brasileira, janeiro de 2015.

Figura 3:



Manufaturados



Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados do MDIC/SECEX/Balança Comercial Brasileiro, janeiro de 2015.

Gráficos elaborados pelo MRE/DPR/DIC- Divisão de Inteligência comercial, com base dos dados do MDIC/SECEX/Balança Comercial brasileira⁵

A análise dos gráficos nos mostra que, do ponto de vista industrial, aparentemente, as relações mais vantajosas para o Brasil são com os países da América Latina, os quais juntos representam mais de 30% de nossas exportações de manufaturados, seguidos por Canadá e Estados Unidos, que compraram 18,7 % de nossos produtos manufaturados e União Europeia que foi responsável pela compra de 17,6% de nossos produtos industrializados neste período.

Já os países asiáticos compraram mais da metade de nossos produtos básicos, porém apenas 9,3% dos manufaturados. Neste mesmo ano, a maioria de nossas importações de manufaturados veio da Ásia (36,5%), seguido da União Europeia, que representou 22,6% de nossas compras de produtos industrializados. Já as importações de produtos básicos destas duas regiões foi de 5,2% e 2,4%, respectivamente. Em suma, os dados não negam, especialmente em relação à Ásia, importamos majoritariamente produtos industrializados e exportamos commodities, uma relação um tanto semelhante com a dos nossos tempos de colônia.

É importante ressaltar que o país impulsionador nas trocas comerciais com a Ásia é a China. E, como os dados demonstram, as trocas com aquela região são as mais “primarizadas”, ou seja, exportamos, principalmente, produtos de baixo valor agregado e importamos manufaturados. No entanto estas informações não são suficientes para afirmar que o mal desempenho da indústria nacional é por causa do comércio com aquela região.

⁵ BRASIL, Ministério das Relações Exteriores. Departamento de Promoção Comercial e Investimentos. Divisão de Inteligência Comercial. **BRASIL Comércio Exterior (dados até janeiro de 2015)**. Fevereiro, 2015. Págs. 16,17 e 18

Análise da pauta de exportações e importações brasileiras

Na década de 70, a indústria brasileira era maior que a da Coreia do Sul, Malásia e Tailândia juntas⁶, naquela época o parque industrial chinês também não representava vantagem em relação ao brasileiro. De lá pra cá vimos países como a Coreia do Sul desenvolver produtos industriais mundialmente reconhecidos por sua alta qualidade. Enquanto isso, testemunhamos o selo “Made in China” se tornar uma presença mais e mais comum em todo tipo de mercadoria.

A indústria brasileira, por outro lado, neste período foi perdendo cada vez mais sua força. Seria correto, então, afirmar que existe uma relação entre o fortalecimento industrial daqueles países, especialmente da China, e o enfraquecimento de nossa indústria? O desenvolvimento e a expansão industrial chinesas é a razão maior da debilitação de nosso parque industrial?

Para tentar responder a esta pergunta, analisaremos a pauta dos 10 principais produtos exportados e importados pelo Brasil, em 2000 (ano em que a relação bilateral com a China ainda não era tão intensificada) e em 2014 (relação bilateral já consolidada). Será observado aqui as pautas das trocas do Brasil com o mundo, e, especificadamente, com a China, EUA e Argentina, que são os três principais parceiros comerciais do Brasil.

Tabela 1:

Principais produtos importados do mundo pelo Brasil (bilhões de dólares)

Elaboração própria a partir de dados da Comtrade

2000(bilhões de U\$)			2014(bilhões de U\$)		
1º	Equipamento eletrônico	\$ 9,10	1º	Combustíveis minerais, óleos, produtos de destilação	\$ 45,00
2º	Reatores nucleares, caldeiras e maquinaria	\$ 9,00	2º	Reatores nucleares, caldeiras e maquinaria	\$ 31,90
3º	Combustíveis minerais, óleos, produtos de destilação	\$ 8,30	3º	Equipamento eletrônico	\$ 27,00
4º	Veículos, exceto trens	\$ 3,70	4º	Veículos, exceto trens	\$ 19,50
5º	Produtos químicos orgânicos	\$ 3,30	5º	Produtos químicos orgânicos	\$ 10,70
6º	Plásticos e artigos semelhantes	\$ 2,00	6º	Plásticos e artigos semelhantes	\$ 8,80
7º	Aparelhos óticos, fotográficos, médicos e aparatos	\$ 1,80	7º	Fertilizantes	\$ 8,40
8º	Produtos farmacêuticos	\$ 1,40	8º	Produtos farmacêuticos	\$ 7,40
9º	Fertilizantes	\$ 1,30	9º	Aparelhos óticos, fotográficos, médicos e aparatos	\$ 6,80
10º	Cereais	\$ 1,20	10º	Produtos diversos da indústria química	\$ 5,40

⁶ SALAMA, Pierro. **Globalización Comercial: deseindustrialización prematura em América Latina e industrialización en Asia**, Comércio Exterior, Vol. 62. 2012.35.

Tabela 2:

Principais produtos exportados do Brasil para o mundo (bilhões de dólares)

Elaboração própria a partir de dados da Comtrade

2000(bilhões de U\$)		
1º	Veículos, exceto trens	\$ 4,40
2º	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas	\$ 4,30
3º	Aeronaves, veículos espaciais e suas partes	\$ 3,60
4º	Ferro e aço	\$ 3,40
5º	Minérios, escórias e cinzas	\$ 3,30
6º	Equipamentos eletrônicos	\$ 3,00
7º	Grãos, sementes, frutas	\$ 2,20
8º	Fornagem para animais, resíduos da indústria alimentar	\$ 1,70
9º	Café, chá, especiarias	\$ 1,70
10º	Calçados e similares	\$ 1,60

2014(bilhões de U\$)		
1º	Minérios, escórias e cinzas	\$ 28,40
2º	Combustíveis minerais, óleos, produtos de destilação	\$ 25,20
3º	Grãos, sementes, frutas	\$ 23,50
4º	Carnes e miúdezas comestíveis	\$ 15,40
5º	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas	\$ 12,70
6º	Veículos, exceto trens	\$ 9,80
7º	Produtos de confeitaria e açúcar	\$ 9,60
8º	Ferro e aço	\$ 9,60
9º	Fornagem para animais, resíduos da indústria alimentar	\$ 7,40
10º	Café, chá, especiarias	\$ 6,50

Entre 2000 e 2014, as importações de ‘veículos, exceto trens’ permaneceram em quarto lugar na pauta dos principais produtos importados do mundo, aumentando valor de \$ 3,47 bilhões para \$ 19,5 bilhões. Já na pauta de exportações, em 2000 os ‘veículos, exceto trens’ estavam em primeiro lugar, com o valor de \$ 4,4 bilhões, em 2014, a categoria caiu para a sexta posição, com o valor de \$ 9,8 bilhões. Percebe-se que de 2000 para 2014 o valor dos carros exportados não cresceu no mesmo ritmo que o valor total de importados, e invertemos nossa posição de balança superavitária para deficitária em relação a estes produtos.

A categoria ‘equipamento eletrônico’ ocupava a sexta posição de principais produtos exportados do Brasil para o mundo, em 2014 essa categoria não aparecia mais na pauta dos produtos brasileiros mais vendidos para o mundo. As ‘aeronaves, veículos espaciais e suas partes’, que ocupavam o terceiro lugar na pauta de exportações em 2000, também sumiram do top 10, assim como os calçados que estavam na décima posição e também desapareceram desta pauta. Enquanto estes produtos manufaturados perdiam espaço nas nossas exportações, as commodities foram ocupando posições de mais destaque na pauta de exportações brasileiras. É importante ressaltar que na pauta de importações, as commodities também aumentaram consideravelmente, sobretudo os ‘combustíveis minerais, óleos e produtos de

destilação', no entanto, não na mesma intensidade que nas exportações.

Tabela 3:

Principais produtos chineses importados pelo Brasil (milhões de dólares)

Elaboração própria a partir de dados da Comtrade

2000(milhões de U\$)		
1º	Equipamentos eletrônicos	\$ 360,30
2º	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas	\$ 170,50
3º	Produtos químicos orgânicos	\$ 142,70
4º	Aparelhos óticos, fotográficos, médicos e aparatos	\$ 81,80
5º	Combustível mineral, óleos e produtos de destilação	\$ 74,80
6º	Brinquedos, jogos, acessórios para esportes	\$ 57,00
7º	Produtos químicos inorgânicos, composto de metais preciosos	\$ 25,70
8º	Vestuário e acessórios, exceto de tricô e crochê	\$ 20,90
9º	Calçados e artigos semelhantes	\$ 19,90
10º	Tintas, pigmentos	\$ 18,70

2014(milhões de U\$)		
1º	Equipamentos eletrônicos	\$10.900,00
2º	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas	\$ 7.200,00
3º	Produtos químicos orgânicos	\$ 2.200,00
4º	Ferro e aço	\$ 1.400,00
5º	Plásticos e artigos semelhantes	\$ 1.100,00
6º	Veículos, exceto trens	\$ 1.000,00
7º	Artigos de ferro e aço	\$ 978,30
8º	Vestuário e acessórios, exceto de tricô e crochê	\$ 935,40
9º	Filamentos sintéticos	\$ 809,30
10º	Aparelhos óticos, fotográficos, médicos e aparatos	\$ 780,10

Tabela 4:

Principais produtos brasileiros exportados para a China

Elaboração própria a partir de dados da Comtrade

2000(milhões de U\$)		
1º	Grãos, sementes, frutas	\$ 333,40
2º	Minérios, escórias e cinzas	\$ 273,80
3º	Pasta de madeira, celulose	\$ 54,20
4º	Tabaco e substitutos	\$ 50,30
5º	Ferro e aço	\$ 38,50
6º	Aeronaves, veículos espaciais e suas partes	\$ 37,10
7º	Combustível mineral, óleos e produtos de destilação	\$ 36,10
8º	Madeira, produtos de madeira	\$ 33,70
9º	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas	\$ 31,10
10º	Plástico e artigos semelhantes	\$ 28,90

2014(milhões de U\$)		
1º	Grãos, sementes, frutas	\$ 16.600,00
2º	Minérios, escórias e cinzas	\$ 12.700,00
3º	Combustível mineral, óleos e produtos de destilação	\$ 3.500,00
4º	Pasta de madeira, celulose	\$ 1.700,00
5º	Produtos de confeitaria e açúcar	\$ 880,20
6º	Couros e peles	\$ 826,30
7º	Ferro e aço	\$ 530,40
8º	Carnes e miudezas comestíveis	\$ 521,10
9º	Gordura e óleo animal e vegetal, produtos de clivagem	\$ 421,30
10º	Tabaco e substitutos	\$ 333,70

Verificando a pauta das trocas comerciais com a China, notamos que o setor ‘equipamento eletrônico’ é o mais importado pelo Brasil desde 2000, subindo de \$ 360,3 milhões para \$10 bilhões e 900 milhões, em 2014. Vale ressaltar que enquanto as importações de equipamentos eletrônicos da China aumentavam mais 30 vezes, este setor, que ocupava a sexta posição na pauta de produtos mais exportados do Brasil para o mundo, some da nossa pauta dos 10 produtos mais exportados.

Já os ‘reatores nucleares, caldeiras, máquinas, que era o segundo setor mais exportado do Brasil para o mundo, desceu bastante na colocação nesta pauta, apenas triplicando o valor exportado neste período de tempo. No mesmo período, o valor de ‘reatores nucleares, caldeiras, máquinas’ importados da China aumentaram 42 vezes. As exportações brasileiras só cresceram exorbitantemente no que diz respeito a commodities, as exportações de ‘grãos, sementes e frutas’ para a China, por exemplo, aumentaram 49 vezes entre 2000 e 2014.

Em 2000, a pauta dos principais produtos importados da China já era principalmente de produtos industrializados. Conforme o tempo passou, a pauta de produtos vendidos para o Brasil foi se tornando cada vez mais sofisticada, a categoria ‘veículos, exceto trens’, por exemplo não aparecia em 2000, e em 2014 já estava em sexto lugar. Enquanto a China aprimorava mais ainda a pauta de produtos vendidos para o Brasil, nosso país andou na direção contrária, a categoria ‘aeronaves, veículos espaciais e suas peças, por exemplo, aparecia em sexto lugar dos produtos mais exportados para a China, em 2014 as aeronaves já não faziam parte dos 10 produtos mais vendidos para aquele país.

Tabela 5:

Principais produtos brasileiros exportados para a Argentina (milhões de dólares)

Elaboração própria a partir de dados da Comtrade

2000(milhões de U\$)			2014(milhões de U\$)		
1º	Veículos, exceto trens	\$1.200,00	1º	Veículos, exceto trens	\$5.300,00
2º	Reatores nucleares, caldeiras e maquinaria	\$ 789,20	2º	Reatores nucleares, caldeiras e maquinaria	\$1.400,00
3º	Equipamento eletrônico	\$ 784,70	3º	Minérios, escórias e cinzas	\$1.000,00
4º	Plásticos e artigos semelhantes	\$ 348,50	4º	Plásticos e artigos semelhantes	\$ 775,90
5º	Papel, cartão, artigos de celulose	\$ 288,70	5º	Equipamento eletrônico	\$ 718,00
6º	Produtos químicos orgânicos	\$ 188,70	6º	Ferro e aço	\$ 497,80
7º	Ferro e aço	\$ 187,20	7º	Borrachas e artigos semelhantes	\$ 431,80
8º	Borrachas e artigos semelhantes	\$ 145,60	8º	Papel, cartão, artigos de celulose	\$ 384,20
9º	Minérios, escórias e cinzas	\$ 137,30	9º	Produtos químicos inorgânicos, compostos de metais preciosos, isótopos	\$ 348,90
10º	Calçado, polainas e artefactos semelhantes, suas partes	\$ 129,20	10º	Produtos químicos orgânicos	\$ 346,20

Tabela 6:

Principais produtos argentinos importados pelo Brasil (milhões de dólares)

Elaboração própria a partir de dados da Comtrade

2000(milhões de U\$)			2014(milhões de U\$)		
1º	Combustíveis minerais, óleos, produtos de destilação	\$1.500,00	1º	Veículos, exceto trens	\$6.600,00
2º	Veículos, exceto trens	\$1.400,00	2º	Plásticos e artigos semelhantes	\$ 765,40
3º	Cereal	\$1.100,00	3º	Cereal	\$ 724,20
4º	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas	\$ 365,90	4º	Combustíveis minerais, óleos, produtos de destilação	\$ 699,50
5º	Plásticos e artigos semelhantes	\$ 262,50	5º	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas	\$ 675,30
6º	Produtos lácteos, ovos, mel, produtos animais comestíveis	\$ 232,10	6º	Produtos de moagem, malte, amidos e féculas, inulina, glúten de trigo	\$ 395,90
7º	Equipamento eletrônico	\$ 130,70	7º	Diversos produtos químicos	\$ 362,50
8º	Produtos químicos orgânicos	\$ 121,90	8º	Alumínios e artigos semelhantes	\$ 303,10
9º	Filamentos	\$ 114,30	9º	Óleos essenciais, perfumes, cosméticos, produtos de higiene pessoal	\$ 298,00
10º	Vegetais comestíveis e certas raízes e tubérculos	\$ 108,40	10º	Vegetais, frutas, nozes, etc preparações alimentícias	\$ 293,60

A pauta de exportações de produtos brasileiros para a Argentina, é bem mais diversificada e composta por mais produtos manufaturados, ratificando a informação do gráfico 2, de que exportamos mais manufaturados para países da América Latina. Nesta lista, a categoria 'equipamento eletrônico' caiu 2 posições, sendo que o valor exportado diminuiu

em números absolutos, caindo de U\$ 784,70 milhões em 2000 para U\$ 718 milhões em 2014. Enquanto isso a exportação de ‘minérios, escórias e cinzas’ aumentaram mais de 7 vezes e os calçados sumiram do top 10.

Quanto às importações, a categoria ‘veículos, exceto trens’ subiu na mesma proporção que as exportações para aquele país. Já os ‘equipamento eletrônico’, que ocupavam a sétima posição entre os produtos mais importados pelo Brasil, sumiu da pauta de principais produtos argentinos comprados pelo Brasil.

Tabela 7:

Principais produtos brasileiros exportados para os EUA

Elaboração própria a partir de dados da Comtrade

2000(milhões de U\$)			2014(milhões de U\$)		
1º	Aeronaves, veículos espaciais e suas partes	\$2.000,00	1º	Combustíveis minerais, óleos, produtos de destilação	\$3.900,00
2º	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas	\$1.300,00	2º	Ferro e aço	\$3.800,00
3º	Ferro e aço	\$1.200,00	3º	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas	\$3.600,00
4º	Calçado, polainas e artefatos semelhantes, suas partes	\$1.100,00	4º	Aeronaves, veículos espaciais e suas partes	\$2.200,00
5º	Equipamento eletrônico	\$1.000,00	5º	Café, chá, especiarias	\$1.300,00
6º	Veículos, exceto trens	\$ 736,10	6º	Pastas de madeira, material celulósico fibroso	\$ 973,90
7º	Madeira e artigos de madeira, carvão vegetal de madeira	\$ 531,80	7º	Pedra, gesso, cimento, amianto, mica, etc	\$ 864,10
8º	Combustíveis minerais, óleos, produtos de destilação	\$ 529,20	8º	Produtos químicos orgânicos	\$ 854,60
9º	Pastas de madeira, material celulósico fibroso	\$ 427,70	9º	Madeira e artigos de madeira, carvão vegetal de madeira	\$ 837,90
10º	Produtos químicos orgânicos	\$ 398,00	10º	Equipamento eletrônico	\$ 781,90

Tabela 8:

Principais produtos americanos importados pelo Brasil

Elaboração própria a partir de dados da Comtrade

2000(milhões de U\$)			2014(milhões de U\$)		
1º	Equipamento eletrônico	\$3.200,00	1º	Combustíveis minerais, óleos, produtos de destilação	\$7.400,00
2º	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas	\$3.200,00	2º	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas	\$6.800,00
3º	Produtos químicos orgânicos	\$1.100,00	3º	Equipamento eletrônico	\$2.500,00
4º	Aparelhos óticos, de fotografia, médicos	\$ 727,80	4º	Produtos químicos orgânicos	\$2.200,00
5º	Plásticos e artigos semelhantes	\$ 717,90	5º	Aparelhos óticos, de fotografia, médicos	\$2.100,00
6º	Combustíveis minerais, óleos, produtos de destilação	\$ 360,60	6º	Plásticos e artigos semelhantes	\$2.100,00
7º	Aeronaves, veículos espaciais e suas partes	\$ 359,90	7º	Diversos produtos químicos	\$1.600,00
8º	Produtos farmacêuticos	\$ 326,20	8º	Produtos farmacêuticos	\$1.500,00
9º	Veículos, exceto trens	\$ 308,00	9º	Veículos, exceto trens	\$ 967,60
10º	Diversos produtos químicos	\$ 307,70	10º	Aeronaves, veículos espaciais e suas partes	\$ 961,80

Em comparação com a China, nossa pauta de exportações para os EUA também é mais composta por produtos industrializados, a categoria de ‘aeronaves, veículos espaciais e suas partes’, por exemplo, sumiu das principais exportações do Brasil para o mundo, assim como das principais exportações para a China, no entanto, permanece entre os principais produtos exportados para os Estados Unidos, ainda que tenha caído da posição 1 para a 4.

Em 2000, a pauta das principais exportações para os EUA também contava com ‘veículos, exceto trens’, em 6º lugar, ‘reatores nucleares, caldeiras, máquinas’, em 2º lugar, ‘calçados polainas e artefatos semelhantes’, em 4º e ‘equipamento eletrônico, em 5º. Já em 2014 os ‘reatores nucleares, caldeiras, máquinas’ caíram uma posição, ‘equipamento eletrônico’ caiu 5 posições (diminuindo o valor exportado em números absolutos de U\$ 1000 milhões para U\$ 781,90 milhões), enquanto as categorias ‘calçados, polainas e artefatos semelhantes, suas partes’ e ‘veículos, exceto trens’ sumiram do top 10. Enquanto isso, combustíveis minerais, óleos, produtos de destilação, ferro e aço passaram a estrelar os dois primeiros lugares.

O valor da importação de ‘equipamento eletrônico’ também caiu em números absolutos (de U\$ 3.200 milhões para U\$ 2.500 milhões), descendo duas posições na pauta. A importação de ‘aeronaves, veículos espaciais e suas partes’ também caiu 3 posições. Já os ‘combustíveis minerais, óleos, produtos destilados’ saíram do sexto lugar para o primeiro.

A análise destes dados sugere que a importação de produtos chineses realmente impacta nas mercadorias brasileiras, sobretudo a categoria ‘equipamento eletrônico’, que é o principal setor importado daquele país. Nesta categoria, enquanto a importação da China aumentava mais de 30 vezes, o valor importado dos EUA e da Argentina diminuía em valores absolutos, assim como o valor das exportações brasileiras deste setor. Isso sugere que a produção de equipamentos eletrônicos na China tem afetado não só a venda brasileira, mas também de outros países, que vem perdendo mercados para o dragão asiático.

Os produtos fabricados na China realmente vêm tomando conta de mercados ao redor do mundo, e no Brasil sentimos fortemente os impactos da competição com tais produtos. No entanto será que é correto afirmar que esta é a única, ou a principal razão para o mau desempenho de nossa indústria nacional?

A Política Industrial no Brasil

Para Oliveira (2012: 188), a ‘primarização’ das exportações brasileiras já estava ocorrendo no Brasil muito antes da forte influencia chinesas no país: “Trata-se muito mais de um problema estrutural do que conjuntural e que, sem duvidas, tem sido exponencialmente acentuado pelo apetite chinês por produtos básicos e pela acentuada demanda brasileira de manufaturados.”

Estudos apontam que, na verdade, a desindustrialização do Brasil iniciou-se por volta da década de 80, quando o país sofria uma precária situação interna, de hiperinflação, desorganização fiscal e dívida externa exorbitante, esses fatores anulavam a capacidade de atuação do governo, que até então era um forte estimulador de nossa indústria. A dificuldade de conseguir créditos a longo prazo e as incertezas quanto aos preços, acabavam desestimulando também os investimentos privados.⁷

Antes disso, dois grandes Planos Industriais foram responsáveis pelas bases da infraestrutura industrial que temos hoje, o Plano de Metas (1956-1961) e o II PND (1974-1979). Estes planos deram origem a indústrias de bens de consumos duráveis, de capital, insumos básicos e energia, neste período a participação da indústria de transformação no PIB aumentou consideravelmente⁸. No entanto, nos últimos tempos, a Política Industrial parece ter

⁷ DEPARTAMENTO DE PESQUISAS E ESTUDOS ECONOMICOS, FIESP. Perda de participação da indústria no PIB. São Paulo, maio, 2015.pág. 13

⁸ DEPARTAMENTO DE PESQUISAS E ESTUDOS ECONOMICOS, FIESP. Perda de participação da indústria no PIB. São Paulo, maio, 2015.pág. 12

saído de moda no Brasil, pois o II PND foi a última tentativa em grande dimensões de industrializar o nosso país.

A onda neoliberal tomou conta da América Latina nos anos 90, reforçada pelas indicações do Consenso de Washington, dessa forma, a Política industrial perdia ainda mais força. Mas com o passar do tempo o neoliberalismo foi perdendo espaço, como aponta Fukuyama: “Nos últimos anos, os economistas tem reconhecido amplamente a importância das instituições: países pobres não são pobres porque não tem recursos naturais, mas sim porque não tem instituições políticas efetivas” (2011:14). O Estado tem um papel de regulador e facilitador da maturação do setor privado, além do mais, é o Estado que tem a obrigação de garantir que o crescimento econômico dê oportunidade aos mais pobres de serem empregos nas atividades produtivas.⁹ E o esforço estratégico utilizado pelo Estado para encorajar o setor manufatureiro, é a chamada Política Industrial. A Política Industrial foi muito utilizada nos países do Leste asiático que conseguiram desenvolver suas poderosas indústrias.¹⁰ No Brasil, a Política Industrial está presente em casos de sucesso de nosso parque, como a Embraer, que no começo de sua história era uma empresa parcialmente estatal, ajudada através de subsídios, compras do governo, taxas de incentivo, financiamentos e forte investimento em P & D.¹¹

No entanto, vale lembrar que todo incentivo será inútil também se não for acompanhado de uma política macroeconômica compatível.¹² E, quanto aos pontos macroeconômicos, parece que o Brasil não vai muito bem das pernas. A taxa de câmbio, por exemplo, apesar de desvalorizada frente ao dólar neste momento, não faz muita diferença quando não acompanhada de outras políticas industriais e outras políticas macroeconômicas. Além do mais, esta desvalorização do real é volátil e descontrolada, causando grande incerteza no mercado. Combinado com o preço mais alto dos insumos, que são majoritariamente importados, mais a elevação exorbitante do preço da eletricidade- que influencia muito no preço final dos produtos – essa desvalorização gera poucos efeitos

⁹ ORGANIZACIÓN DE LAS NACIONES UNIDAS PARA EL DESAROLLO INDUSTRIAL. Informe sobre el Desarrollo Industrial 2013: La creación sostenida de empleo: el rol de la industria manufacturera y el cambio estructural. Viena, 2014. Pág. 27

¹⁰ DELGADO, I. G., **Política Industrial na China, na Índia e no Brasil: legados, dilemas de coordenação e perspectivas**. IPEA, 2015. Págs. 11,12

¹¹ SPINA, Maria Cecília. **As origens da Embraer**. São Paulo: Tempo Social, 2005. Págs: 287,288.

¹² CIMOLI, M., Dosi G., STIGLITZ, J. E. **The Political Economy of Capabilities Accumulation: the Past and Future of Policies for Industrial Development**, Oxford University Press, 2009.. Pág. 10

positivos. É importante ressaltar que um ou outro ponto isolado nunca gerará verdadeiros resultados positivos e duradouros. As políticas industriais e macroeconômicas devem caminhar juntas.

E outro ponto que deve ser prioridade em qualquer Política Industrial é o investimento em infraestrutura tangível, e este é mais um ponto fraco para o nosso país. A Confederação Nacional do Transporte lançou recentemente uma pesquisa que mostra o surpreendente desperdício de dinheiro em razão da má qualidade das rodovias brasileiras, o levantamento concluiu que, nada mais e nada menos que, 3,8 bilhões de reais poderiam ser economizados se o Brasil tivesse uma infraestrutura logística mais adequada, a utilização de hidrovias e ferrovias, por exemplo, seria uma boa alternativa a este problema.¹³ Nenhum país pode se dar ao luxo de, simplesmente, perder 3,8 bilhões de reais por ano devido à ineficiência. Para podermos verdadeiramente desenvolver uma indústria eficiente, não podemos adiar também a discussão das outras problemáticas deste “custo-brasil”, como os elevados impostos, encargos trabalhistas e burocracias, que acabam elevando os custos de fabricação de nossos produtos.¹⁴

Considerações finais

Precisamos, pois, fazer uma utilização mais responsável de nossos recursos, admitindo nossas falhas e buscando melhorar. Pois o fato é que, se abandonamos nossa Política Industrial, se nossa macroeconomia vai de mal a pior, se temos uma infraestrutura precária e ineficiente e se nossos impostos, burocracias e encargos trabalhistas são extremamente elevados, a China pouco tem a ver com isso.

A China é um fator externo, que contribui sim para o mal desempenho de nossa indústria, visto que acabamos perdendo parte de nosso mercado, devido à incapacidade de competir com certos produtos chineses. Mas, como já dito, é apenas um fator, dentre muitos. A conclusão de que nosso fracasso é “culpa” da China, é muito simplista e parece reforçar um sentimento comum na América Latina, de sempre terceirizar a culpa de nossos fracassos.

¹³ CONSELHO NACIONAL DE TRANSPORTE. Transporte & Desenvolvimento: Entraves Logísticos ao escoamento de Soja e Milho. Disponível em < <http://www.cnt.org.br/Estudo/transporte-desenvolvimento#sthash.10lm7j5Z.dpuf> > Acesso em 15 nov. 2015.

¹⁴ IEDI: INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL. Indústria e Política Industrial no Brasil e em outros países. São Paulo, maio, 2011. Pág.22

Fatores externos influenciam sim, e muito, em nosso desempenho, porém, de nada adianta culpar terceiros e permanecer na mesmice e inatividade.

Estamos onde estamos em grande parte por nossas próprias escolhas estratégicas. Porém, apesar de não estarmos na melhor situação do mundo, também estamos longe de estar nas piores. Embora não seja a mais sofisticada do mundo, temos sim uma infraestrutura industrial herdada das décadas de 50 e 70, além do mais não é todo país que tem um banco no estilo do BNDES, ou uma empresa no porte da Embraer.

O Brasil deve se esforçar para elaborar uma plano industrial sólido e persistir nele, investindo fortemente em P&D e em outras infraestruturas tangíveis, enquanto formula políticas macroeconômicas mais compatíveis com nossos objetivos. Não desconsiderando as dificuldades de competir, não só com a China como com os outros diversos países industrializados, tampouco ignorando o fato de que existem muitas pressões internacionais de organizações como a OMC, a realidade é que não se deve medir esforços quando o assunto é industrialização, já que é ela que traz o verdadeiro desenvolvimento econômico a um país.

Referências

AREND, Marcelo. **A desindustrialização do Brasil ante a nova divisão internacional do trabalho**. IPEA: Brasília, 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO COMÉRCIO EXTERIOR. Radiografia do comércio exterior brasileiro: passado, presente e futuro. Rio de Janeiro, janeiro, 2012.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Secretaria de Comércio Exterior.

BRASIL, Ministério das Relações Exteriores. Departamento de Promoção Comercial e Investimentos. Divisão de Inteligência Comercial. **BRASIL Comércio Exterior (dados até janeiro de 2015)**. Fevereiro, 2015.

CEPALUNI, G. ,VIGEVANI, T., **A Política Externa de Lula da Silva: A Estratégia da Autonomia pela Diversificação**.Contexto Internacional. Rio de Janeiro, 2007, p. 273-335.

CIMOLI, M.,Dosi G., STIGLITZ, J. E. **The Political Economy of Capabilities Accumulation: the Past and Future of Policies for Industrial Development**, Oxford University Press, 2009.

CONSELHO NACIONAL DE TRANSPORTE. Transporte & Desenvolvimento: Entraves Logísticos ao Escoamento de Soja e Milho. Disponível em< <http://www.cnt.org.br/Estudo/transporte-desenvolvimento#sthash.10lm7j5Z.dpuf> > Acesso em 15 nov. 2015.

DELGADO, I. G., **Política Industrial na China, na Índia e no Brasil: legados, dilemas de coordenação e perspectivas**. IPEA, 2015.

DEPARTAMENTO DE PESQUISAS E ESTUDOS ECONOMICOS, FIESP. Perda de participação da indústria no PIB. São Paulo, maio, 2015.

FUKUYAMA, Francis. **The Origins of Political Order: From prehuman times to French Revolution**. Profile Books ,2011.

IEDI: INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL. Indústria e Política Industrial no Brasil e em outros países. São Paulo, maio, 2011.

MOORE, Malcolm. China overtakes the US as Brazil's largest trading partner e, The Telegraph, Shanghai, 2009. Disponível em <<http://www.telegraph.co.uk/finance/economics/5296515/China-overtakes-the-US-as-Brazils-largest-trading-partner.html>> Acesso em out. 2015

OLIVEIRA, Henrique Altemani. **Brasil e China – cooperação Sul-Sul e parceria estratégica**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

ORGANIZACIÓN DE LAS NACIONES UNIDAS PARA EL DESAROLLO INDUSTRIAL. Informe sobre el Desarrollo Industrial 2013: La creación sostenida de empleo: el rol de la industria manufacturera y el cambio estructural. Viena, 2014.

SALAMA, Pierre. **Globalización Comercial: deseindustrialización prematura en América Latina e industrialización en Asia**, Comércio Exterior, Vol. 62. 2012.

SETORES da indústria brasileira viram embaladores de produtos chineses: na última década, comércio com o gigante asiático se tornou mais desfavorável ao Brasil. **Época Negócios Online**. Junho, 2015. Disponível em <<http://epocanegocios.globo.com/Informacao/Dilemas/noticia/2015/06/setores-da-industria-brasileira-viram-embaladores-de-produtos-chineses.html>> Acesso em nov. 2015.

SPINA, Maria Cecília. **As origens da Embraer**. São Paulo: Tempo Social, 2005.

UN COMTRADE DATABASE. International Trade in Goods based on UN Comtrade data.

UNITED NATIONS INDUSTRIAL DEVELOPMENT ORGANIZATION. Inclusive and sustainable industrial development: creating shared prosperity, safeguarding the environment. Viena, 2014.